COMUNICAÇÃO E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA: VÍNCULOS ENTRE AS “POÉTICAS DAS MÍDIAS E AS ESTÉTICAS DA RECEPÇÃO”¹

Deivison Brito Nogueira

Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) – São Bernardo do Campo - SP

RESUMO

O artigo busca compreender os vínculos entre as poéticas das mídias e as estéticas da recepção. As poéticas são entendidas como as linguagens artísticas das mídias e as estéticas a produção de sentidos, usos e apropriações do público receptor. A experiência estética recria sentidos no momento da fruição, o que também caracteriza uma produção, uma nova poética. Ela vai além dos limites do texto posto pelas poéticas das mídias não em um sentido de ação e reação, mas de interação entre fruição e obra de arte. O objetivo é analisar como a experiência estética ocorre por meio de comentários em videoclips na plataforma digital YouTube a partir de dois videoclips do artista e compositor brasileiro Marcos Almeida, *Como vai?* (2019) e *Cuidando de você* (2019). Buscamos mapear como se criam os vínculos entre o campo da *poiesis* e o campo da *aisthesis* por meio da experiência estética relatada nos videoclips. Considera-se o receptor não um mero consumidor de produtos culturais, mas como um sujeito fruidor que produz experiências estéticas no contato com a obra de arte.

Palavras-chave: Comunicação; Experiência Estética; Vínculos; Música; YouTube

INTRODUÇÃO

A Comunicação, como campo e conceito, valeu-se durante muito tempo da pesquisa dos efeitos, como se os meios pudessem ter um poder maior do que a contrapartida do público receptor. Os “pais fundadores” do campo tiveram suas pesquisas centradas no mediocentrismo, de grande ênfase funcionalista e de poder ilimitados dos meios de comunicação na vida das pessoas. A partir dos anos 1970, houve uma espécie de “virada semântica” no campo

¹ O artigo foi apresentado primeiramente no eixo temático I: “Literatura, Arte e Compreensão” do IV Seminário Brasil-Colômbia de Estudos e Práticas de Compreensão | II Colóquio Internacional do Grupo de Estudos Literários (GEL). São Bernardo do Campo, SP, 11-14 nov. 2019.

e a pergunta “o que os meios de comunicação fazem com as pessoas” foi reformulada para “o que as pessoas fazem com os meios de comunicação”. Estava posto como novo atributo epistemológico, a busca pelos sentidos atribuídos pelo receptor nos processos comunicacionais e manifestações socioculturais. Essa “virada epistemológica” reverberou não apenas nos estudos de comunicação e mídia, mas também no campo das artes, sobretudo nos estudos literários.

No final da década de 1970, foi publicado no Brasil uma coletânea de textos organizados por Luiz Costa Lima, professor da PUC-Rio, intitulado: *A literatura e leitor: textos de estética da recepção*², vinculados ao grupo de estudos literários da Universidade de Konstanz, Alemanha, e que depois ficaria conhecida como a Escola de Konstanz. Os textos versavam mutuamente sobre o mesmo objeto: resgatar o sujeito leitor dos estudos literários. Constan na obra textos de Hans Robert Jauss, Wolfgang Iser, Hans Ulrich Gumbrecht, Karlheinz Stille e Harald Weinrich, como bem nos recorda (BARROS, 2013). Já havia, desde 1967, uma preocupação nos estudos literários com a estética da recepção quando Hans Robert Jauss proferiu na Universidade de Konstanz sua aula inaugural: *A história da literatura como provocação à teoria literária*, provocações pontuais para o que viria a se tornar a teoria ou a estética da recepção nos estudos literários.

No campo dos estudos literários, a teoria da recepção opôs-se aos estudos teórico-literários norte-americanos, como a Nova Crítica, que tentavam compreender a obra a partir de uma separação entre texto e autor, objetiva e possível de ser analisada em si mesma pela articulação de elementos específicos e particulares do texto presentes no todo, o que (JAUSS, 1994), classificou como “objetivismo histórico”. A teoria da recepção não apenas preocupada com a obra em si e os elementos que a circundam, centra seus esforços em compreender a experiência estética do leitor no contato com a obra. Essa tomada de posição epistemológica tornou a teoria da recepção uma estética da recepção. A experiência produtiva da obra (*poiesis*) é capaz de (re)criar um mundo de sentidos por meio da experiência estética, consciência receptiva do sujeito (*aisthesis*) ao dar abertura à renovação da percepção interna e externa da realidade e da intersubjetividade do leitor (*katharsis*).

Vale lembrar que os sentidos não estão dados à priori, como algo, pronto, acabado. Ao contrário, são construídos conforme a experiência social

² Uma segunda edição da obra foi publicada em 2002 pela editora Paz e Terra.

de cada indivíduo em suas experiências, leituras, vivências inseridas em um contexto sociocultural mais amplo. Cabe-nos a tarefa de refazer esses passos e a partir de um mapa metodológico renovado resgatar o sujeito receptor do processo comunicacional, de não o relegar a um mero sujeito passivo dos mandos e desmandos dos produtores culturais, tido como repositório de informações, sujeito reificado, “caixa vazia”, mas considerar a recepção o “lugar” privilegiado para a produção de sentidos, apropriações e rearticulações dos produtos e processos midiáticos.

Além de produzir sentidos, a recepção também produz uma nova poética dentro do processo comunicacional que circula por meio da linguagem. O artigo pretende considerar este sujeito receptor/fruidor que, além dos sentidos produz também uma experiência estética no contato com a obra de arte. Compreender uma obra de arte implica mobilizar a fruição do público e sua experiência estética. Deslocar a atenção da obra e focar na experiência produzida é valorizar o sujeito como produtor de sentidos. Essas rearticulações são pensadas não como simples interpretações, mas como “experiências estéticas, que implicam dinâmicas de interpretação e produção de sentidos, que desdobram em novas experiências poéticas, que acabam realimentando os próprios discursos midiáticos, que se apropriam dessas leituras” (BARROS, 2011, p. 16).

A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA EM SEUS DIVERSOS MODOS DE “APREENSÃO”

Ao referir-se à efemeridade de algumas experiências do cotidiano, não pela pobreza dos afetos, mas por serem únicas e irrepetíveis, como o “homem” e o “rio” em Heráclito, Jorge Cardoso Filho (2011) sugere, a partir de uma agenda filosófica pragmática, captar a singularidade dos encontros pela valoração da conjuntura situacional e da mobilização de “competências pragmático-performativas” responsáveis por potencializar a sensibilidade dos sujeitos. É possível haver perenidade na efemeridade dos encontros com o mundo, mesmo as situações mais comuns da vida cotidiana podem ensejar grandes experiências, desde que seja capaz de transformar o estado afetivo do sujeito, e o ambiente ou “situação” hábil, capaz de deixar marcas no sujeito.

Experiências ordinárias podem se tornar marcantes se a interação entre indivíduo e ambiente ocorrer de forma profícua, o que deve ser questionado é: por quais motivos e em quais circunstâncias algumas experiências estéticas não se tornam efetivas? Faz-se necessário, portanto, “identificar os aparatos

que possibilitam o armazenamento, transmissão e reprodução de certos objetos/conteúdos e não outros. O foco é a prática e não os conteúdos, uma vez que os conteúdos são possíveis graças às estruturas materiais que são anteriores ao sentido” (CARDOSO FILHO, 2011, p. 48). As diversas maneiras de “apreender” a experiência estética são expostas pelo autor a partir de três caminhos distintos: situação, mediações e materialidades.

AS BORDAS DA “SITUAÇÃO”

Em seus escritos sobre a *Arte como Experiência*, John Dewey (2010, p. 44), afirma que a experiência decorre da “interação entre a criatura viva e algum aspecto do mundo em que ele vive”, é parte de uma série acontecimentos não fortuitos presentes em diversos momentos do cotidiano, nas relações concretas e nas condições estabelecidas entre o contexto situacional. A experiência estética implica um dupla disposição, de imanência e transcendência precedida de um impulso vital atenuado pela relação entre indivíduo e ambiente. Os aspectos tão ou mais relevantes para se obter uma experiência, como o contato físico, acabam por se tornar quase indistinguíveis da materialidade em relação à ação do organismo vivo.

Os impulsos vitais encontram entendimento na interação que passa a ser consciente na medida em que se compreende o sentido do conteúdo da experiência (DEWEY, 2010), entendida como “uma atividade prática, intelectual e emocional; um ato de percepção e, portanto, envolve interpretação, repertório, padrões; existe sempre em função de um ‘objeto’, cuja materialidade, condições de aparição e de circunscrição histórica e social não são indiferentes” (GUIMARÃES; LEAL, 2007, p. 6). Isso equivaleria dizer que é possível haver não apenas experiências, digamos, mais etéreas, de epifania e sublimação situadas no campo da transcendência e do metafísico, como também experiências obtidas por meio de relações estabelecidas com as materialidades, o que (DEWEY, 2010) denomina de “situação”.

Ao seu ver, há um distinção conceitual entre experiência e “uma experiência”, a primeira está mais ligada ao aspecto corriqueiro, ter “uma experiência” significa que o indivíduo pode encontrar na “situação” uma relação inesperada ou uma particularidade não estabelecida facilmente numa condição corriqueira. Nesse sentido, indivíduo e “situação” não são estanques e não prescindem um do outro, ambos são parte de uma mesma conjuntura, uma relação dinâmica que ocorre, nos termos de (DEWEY, 2010), entre o *fazer* e o *padecer*. Tanto sujeito quanto situação tornam-se “instâncias de ação e

paixão, que tanto atuam quanto sofrem os efeitos das ações, de maneira que o padecimento guia a realização das próximas ações. É nesse diálogo entre fazer e padecer que ‘uma experiência’ é sempre expressiva” (CARDOSO FILHO, 2011, p. 44).

A “situação” constitui-se a partir dos contextos concretos que compõem o ambiente, (materialidades), preconizada pelos modos de interação, interpretação e leitura dos sujeitos, (mediações), ambas tornam-se meios plenos para ensinar uma experiência estética. Cabe-nos explicitar teoricamente cada uma dessas categorias e compreender como os sentidos da experiência se formam a partir de cada uma delas, a saber, o “campo não hermenêutico da comunicação” (GUMBRECHT, 2010) e as “mediações comunicativas da cultura” (MARTÍN-BARBERO, 2004).

O PONTO DE VISTA DA MEDIAÇÕES

Estudar as mediações na perspectiva de Jesús Martín-Barbero implica mobilizar uma série de desdobramentos presentes nos processos de interação entre comunicação e cultura. A mediação mostra-se não apenas como um elo facilitador de processos de decodificação, mas, em sentido estrito, é ela mesma, a principal instância na qual os atores sociais produzem sentidos dentro da cultura. Martín-Barbero chama de mediações os espaços e formas de comunicação entre o sujeito que ouve rádio e o que é dito no rádio, entre o que é produzido pelas mídias e o que é reproduzido pelos sujeitos. Nesse sentido, não é possível conceber um sujeito ilhado, fechado em si mesmo, onde se incide o impacto dos meios, como na visão norte-americana, onde compreender, por exemplo, como crianças reagem diante de um programa televisivo importava deixá-las ilhadas, isoladas, como nas teorias behavioristas de estímulo-resposta.

As mediações problematizam o fato que entre estímulo e resposta existe um espessura densa de crenças, costumes, valores, temores e todos os diversos aspectos da vida cotidiana. As mediações residem nessa espessura densa e profunda da cultura (MARTÍN-BARBERO, 2000). Por essa razão, “o eixo do debate deve se deslocar dos meios para as mediações, isto é, para as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade de matrizes culturais (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 270). As complexas relações entre comunicação e cultura são estudadas pelo autor espanhol a partir das “mediações comunicativas da cultura” seguido de um “mapa noturno das mediações”.

Nesse mapa, lógicas de produção (LP) e competências de recepção (CP) movimentam-se num eixo duplo sentido: sincrônico e diacrônico. No sincrônico, as matrizes culturais (MC), no diacrônico, os formatos industriais (FI). As conexões “entre MC e LP se acham mediadas por diferentes regimes de *institucionalidade*, enquanto as relações entre MC e as CR estão mediadas por diversas formas de *sociabilidade*. Entre LP e os FI mediam as *tecnicidades* e entre os FI e as CR as *ritualidades*” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 230).

Pensar a experiência estética nos moldes das “mediações comunicativas da cultura” é um exercício possível. De fato, algumas situações exigem do intérprete, em determinados espaços, uma certa ritualidade, como se portar diante de uma exposição de arte ou ao assistir a uma peça de teatro. Uma teoria estética pode possuir maior adesão e compartilhamento por estar vinculada a um determinado regime de institucionalidade. Entretanto, (CARDOSO FILHO, 2011) chama a atenção para o aspecto planificado das mediações de não darem conta de comportar os aspectos inventivos e inesperados da experiência estética, mesmo em níveis diferenciados e em eixos diversificados. A superfície plana das mediações impossibilitaria apreender os relevos da experiência estética que se efetiva a despeito do que se possa ocorrer, por exemplo, entre ritualidade e institucionalidade.

Por essa razão, segundo o autor, o “mapa noturno das mediações” deveria ser rearticulado em conjunto com um mapa “de relevo” das materialidades que traria mais ênfase aos aspectos volumétricos da experiência e de considerar o nível das mediações, por vezes, trabalhadas em planos diferenciados e incompatíveis. Isso permitiria, tanto na perspectiva das mediações quanto das materialidades, um estudo mais aprofundado da experiência em suas diversas particularidades (CARDOSO FILHO, 2011). Um caminho possível seria pensar a teoria das mediações Barberiana em sentido dialógico com as “materialidades da comunicação” em Hans Gumbrecht.

AS MATERIALIDADES OU O CAMPO “NÃO-HERMENÊUTICO” DA COMUNICAÇÃO

Pensar as “materialidades da comunicação” implica considerar como ponto fulcral a presença do aspecto material como condicionante do processo comunicacional. A confluência do material, ou *médium*, na comunicação pode suscitar considerações tão óbvias que quase não merecem menção. Entretanto, a naturalização das práticas podem mascarar aspectos importantes das materialidades, como o fato de que o meio pode influenciar e até determinar

a recepção de um produto. No que lhe concerne, a perspectiva das materialidades não busca pelo sentido como algo pronto, dado, à espera de um sujeito que interprete, mas compreende como o sentido pode constituir-se a partir do não-sentido, ou como os aspectos materiais dotam-se de um elementos intrínsecos de sentido sem serem, eles próprios, sentido. (FELINTO, 2001).

As formas de produzir sentido pelas materialidades possibilitam a aquisição de habilidades e competências que se concretizam nas práticas e nas interações com os objetos, por meio de pistas dadas pelos próprios objetos em seus contextos de surgimento, de maneira que as condições concretas de uma determinada mensagem podem influenciar em sua produção e recepção. Nessa lógica, compreender uma mensagem implica compreender os aspectos de materialidade que condicionam as possibilidades de sentido que essa mensagem produz.

A articulação entre as mediações e as características mais gerais das materialidades ganham novos contornos para “apreender” os diversos elementos que participam no resultar de dinâmicas que possibilitam a aquisição de uma experiência em aspectos mais particulares. A experiência estética pode adquirir contornos mais precisos se mobilizada a partir de um “mapa das mediações e materialidades”. Assim, as qualidades materiais específicas das mediações poderiam conferir à “situação” ou o ambiente a possibilidade de uma experiência estética se efetivar (CARDOSO FILHO, 2011).

Cabe ainda ressaltar que o “campo não-hermenêutico da comunicação” não encerra as possibilidades de sentido da interpretação ou se mostra substituta da hermenêutica clássica, muito menos põe em xeque a relevância epistemológica das outras correntes interpretativas. Longe de ser uma epistemologia sucessora, as materialidades da comunicação apresentam-se como caminho alternativo que questiona fundamentalmente a ênfase dada ao espírito e ao caráter intangível na interpretação filosófica da tradição hermenêutica clássica colocando em relevância os aspectos da materialidade como fundamentais para compreender e interpretar um determinado objeto (GUMBRECHT, 1998).

A expressão de uma experiência manifesta-se por meio da linguagem, meio pelo qual atribuímos sentido às coisas e lugar onde os significados são produzidos e compartilhados. Por meio da linguagem “fazemos uso de signos e símbolos – sejam eles sonoros, escritos, imagens eletrônicas, notas musicais e até objetos – para significar ou representar para outros indivíduos nossos conceitos, ideias e sentimentos” (HALL, 2016, p. 16). Entretanto, se uma

experiência não pode ser expressa em palavras, isso não quer dizer que ela não exista. Qualquer experiência, mesmo a mais difícil de se compreender é, de alguma maneira, explicitada pelo sujeito para que se faça entender, mesmo que o próprio sujeito não consiga explicá-la e o outro não consiga entendê-la. A experiência de fato existiu, porém, linguagem não consegue apreendê-la em sua totalidade.

Assim, o sentido não fica circunscrito apenas ao âmbito da decodificação, mas torna-se compreensível na medida em que novos sentidos são construídos por meio da experiência de vida, seja no contexto histórico, social, ou nas “comunidades interpretativas” das quais o sujeito convive de forma presencial e virtual. A experiência estende-se no tempo, no espaço e na memória e desdobra-se em ação ao ganhar sentido na projeção de uma direção futura (BARROS, 2012). Essa “experiência prazerosa da arte leva o fruidor a uma compreensão sutil da sociedade, da aventura humana e das identidades que o afeta tanto pela intuição criativa quanto pela razão complexa e o impulsiona para a ação transformadora” (MEDINA, 2013, p. 160).

A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NO TEXTO – ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS DOS VIDEOCLIPES.

Estreado em 28 de junho de 2019, o videoclipe da música *Como Vai?* do cantor e compositor brasileiro Marcos Almeida, possuía, até o dia 20 de outubro de 2019 - período de nossa análise - o total de 132.921 visualizações com 355 comentários, não incluindo as respostas. O videoclipe da música *Cuidando de Você*, possuía, no mesmo período, 102.084 visualizações, com 273 comentários, estreado posteriormente em 23 de agosto de 2019. Os comentários foram selecionados com base na experiência estética que cada sujeito produziu no contato com o conteúdo audiovisual. Elementos como musicalidade, letra, poesia e fotografia foram evocados nos comentários dos sujeitos.

Optamos por descartar os comentários, digamos, mais simples, embora não menos importantes, como “parabéns pelo trabalho”, “sou seu fã” e outras reações que não obtiveram, ao nosso ver, uma experiência mais expressiva dos sujeitos. A análise centrou-se nas experiências mais profundas, que remetiam aspectos da memória, cotidiano e do mundo da vida dos sujeitos que enxergaram na obra particularidades que rearticulam sentidos de beleza, alegria, choro, nostalgia e epifania, típicas reações presentes no campo da *aisthesis*. As experiências obtidas por meio do videoclipe da música “*Cuidando de você*” estão dadas à seguir:

moonlight.exe 1 mês atrás

que nostalgia essa música e o clipe trazem! maravilhoso como sempre, Marcos.

Daniel Brito 1 mês atrás

e as lágrimas vêm e é impossível conte-las, de tanta beleza.

Fabiana Cedro 1 mês atrás

Me emocionei, me apaixonei! Que letra, que música, que clipe mais maravilhoso!

Priscilla 1 mês atrás

Fico sem palavras com tanta simplicidade e cuidado 🥹 meu coração tá manteiga

Gabrielle Silva 1 mês atrás

Acho que nunca senti tanta paz ouvindo uma música

Tauane M 1 mês atrás (editado)

Meu coração derrete com essas composições simples, puras e sinceras do Marcos Almeida. Que artista! Ele combina a letra com a melodia e pra fechar esse clipe lindo...fala sério, que obra de arte. Que paz, que alegria. Deus cuida de nós 🙏 e esse final? Me fez chorar...

Algumas experiências estéticas são carregadas de um aspecto emocional que por vezes beira ao hiperbólico, como a de Priscila, ao relatar que os elementos presentes na obra deixaram seu coração como manteiga. A experiência de Tauane M também demonstra grande emoção no contato com a obra e relata que seu coração derrete ao se deparar com as composições do artista. Sentimentos de afeto, como amor e carinho são evocados pelos sujeitos, como também aspectos que remetem às situações do mundo da vida, como a de Mariana Muniz e Kamila H. de Souza reconhecem-se na obra ao recordar uma lembrança de infância, “dormir no sofá e acordar na cama”.

Mariana Muniz 1 mês atrás

Tão singelo! Tão puro! Amor! ❤️

P.S: Marcos retratando no final uma lembrança da infância de muitas pessoas: quando dormíamos no sofá e acordávamos na cama. Saudades disso. Melhor fase da vida!

Kamila H. De Souza 1 mês atrás

Dormir no sofá e acordar na cama, cheirinho de infância <3

A obra potencializou experiências de alívio e alento para as tensões da vida cotidiana e serviu como um vetor para retomar dimensões de sensibilidade que, por algum motivo, estavam adormecidos, como expressaram Paulo Oliveira e Maryel Francis, respectivamente. Ingrid Leticia, relata uma experiência estética obtida no cotidiano, ao cozinhar. Outros vão ainda mais além, como Ingredi Fotografia, a qual diz que as letras das canções do artista

a fazem sentir “ser gente de verdade”. Do mesmo modo, Renata Teles, relata que o artista “canta sua própria vida”. O fato de reconhecer-se em uma obra de arte demonstra um grande vínculo afetivo entre a poética artística e a estética da fruição.

Paulo Oliveira 1 mês atrás

Não sei onde minha sensibilidade foi parar. Não sei em que momento a perdi, porém assistindo o vídeo pude perceber que talvez ela esteja somente guardada.

Maryel Francis 1 mês atrás

Essa música era tudo o que eu precisava de ouvir durante um expediente de trabalho corrido, cansativo... obg por tanta calma, poesia, musicalidade... Deus abençoe!

Ingrid Letícia 1 mês atrás

Cozinhando, ouvindo essa lindeza e chorando, porque o amor de Deus, por nós e em nós, é lindo. Amemos. ❤️

Ingredi Fotografia 3 semanas atrás

brother voce é incrível, suas letras me fazem sentir que somos gente de verdade!

Renata Teles 1 mês atrás

Eu esperei tanto por essa canção, desde que a ouvi pela primeira vez no teatro... obrigada, Marcos, por sempre cantar a minha vida.

O videoclipe possui conteúdo temático voltado ao cuidado com as crianças. Por meio da chave interpretativa da obra algumas pessoas obtiveram interpretações que corresponderam em experiências de afeto e de cuidado, sobretudo com os próprios filhos e o ressignificar da própria vida após a chegada deles, como expressaram Rafael Câmara Alves e “Preta DeTudoUmPouco”. Cabe notar as interessantes experiências relatadas por Luciana Gonzáles e Natália Cardoso, que mesmo ainda não sendo mães, farão uso da música para ninar seus filhos quando nascerem.

Rafael Câmara Alves 1 mês atrás

Sem palavras! Há 7 meses atrás nasceu meu filho Téo que tem me feito ver tudo de maneira diferente, sobre Deus e sobre o mundo. Ainda existe beleza divina na arte e na música. Obrigado Marcos Almeida!

Preta DeTudoUmPouco 3 semanas atrás

Há 1 mês eu faço isso. Descubro todos os dias o que é o amor e o quanto ele é forte e singelo. Minha pequena Ana me mostra o quanto é bom cuidar dela. Olhando para ela vejo o amor todos os dias naqueles pequenos olhinhos. ☐☐

Luciana González 1 mês atrás

Quando tiver filhos está será a música que cantarei pra eles dormir 😊
Música deliciosa ❤️

Nathalia Cardoso 1 mês atrás

Quanta delicadeza e afeto em cada frase e melodia. Me sinto tão grata, leve e feliz na calmaria desses versos. O amor é isso tudo, tudo o que há de bom, simples e puro como o olhar de uma criança, que foi tão bem demonstrado nesse clipe cheio de amor. A melhor parte de nós, a herança mais importante que temos: nossas crianças, que merecem tudo isso, todo amor, todo cuidado. Ainda não sou mãe, mas sem dúvidas, quando for, irei lembrar dessa canção e cantar-lá para a melhor parte de mim ♥

Outras experiências versaram sobre elementos de materialidade que compõem a obra, como a “sanfona que deixa o coração todo coisado”, segundo Dadá Bragança, a “janela com o vidro colorido” que remeteu à casa onde cresceu, segundo o relato de Lívia Coelho, a “voz doce” do artista e “o tom desacelerado do clipe”, principais causadores de sensibilidade, conforme a experiência de Jaqueline Souza. Já Isa Andrade, afirma não haver sensação melhor do que abrir a plataforma Youtube e se deparar com um “néctar desses”, reforçando aspectos de sensibilidade que aludem ao paladar causados pelo contato com o conteúdo artístico.

Houveram experiências estéticas que corresponderam à um tom de epifania e sublimação. Vinicius Castro, afirma que o videoclipe é “uma obra com vida própria”. O “abraço na alma”, a vontade de “chorar poesia” e o “gostinho de saudade” conforme relataram Debora França, Jéssica Molina e Ary caracterizam possíveis experiências de transcendência, por serem intangíveis e não compreensíveis em seu sentido literal. Entretanto, isso não quer dizer que ela não exista, apenas a linguagem não consegue apreendê-la em seu sentido seu sentido literal. Estes “os conteúdos da experiência conhecidos por meio da percepção estética, embora possam ser comunicados a um terceiro, não são alcançados por meio de uma compreensão cognitivo- proposicional” (GUIMARÃES, 2006, p. 15).

ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS DO VIDEOCLÍPE DA MÚSICA COMO VAI?

O videoclipe de *Como vai?* possui conteúdo temático voltado à alteridade e empatia. A obra privilegia o contato com o outro, as conversas cara-a-cara e fomenta afetos de carinho e cuidado. Os detalhes da obra foram evidenciados nos comentários dos sujeitos que interpretaram e obtiveram experiências que versaram sobre os seguintes sentidos: a sensação de perda da sensibilidade humana; o convite à alteridade; a valorização do convívio e a celebração da união. Também encontra-se nos comentários pormenores que aludem a um tempo nostálgico dos sujeitos, um período “pré-tecnológico”, onde as relações humanas não eram excessivamente mediadas por aparatos tecnológicos, as relações humanas e o sentimento de contato com outro, na visão dos sujeitos, era mais intenso e valorizado. Experiências estéticas dessa natureza estão postas à seguir:

Anna Beatriz 3 meses atrás
Que música! Que letra! Me fez refletir que muitas vezes falamos o “oi, tudo bem?” Sem muitas vezes esperar resposta ou se interessar de verdade pela resposta. Mas o “como vai você?” Demonstra mais interesse no outro. Essa musica me despertou pra continuar me importando com a resposta do outro! Obrigada mais uma vez Marcos Almeida! ❤️

ShootingStar 3 meses atrás
Essa música me faz pensar sobre a importância da gente se importar com as pessoas a nossa volta. Nos importamos muito com o material e esquecemos das pessoas, esquecemos que somos peregrinos e tudo isso é ilusão. Tudo aqui vai acabar e o que levaremos? NADA. Mas nessa nossa caminhada podemos ser luz, levando amor para a vida das pessoas, para que elas toquem outras tbm.

Dah D. 3 meses atrás (editado)
Legal demais, vejo nesse vídeo a valorização de uma conversa verdadeira e simples, além do olho no olho, tem também a empatia. Quanto ao tempo dessa conversa é só um detalhe...tempo investido em pessoas, não é tempo perdido. 🧡🧡🧡
Hoje poucas pessoas estão dispostas a largar as telas dos eletrônicos, e ter uma conversa sem pressa, cara a cara, sem se dispersar com mensagens no celular ou qualquer outra coisa superficial.

Mislene Faria 3 meses atrás
É disso q a gente precisa como humanos: diálogo, aproximação, simplicidade, amor! Marcos Almeida captando os desejos mais profundos do nosso coração.

ana clara 3 meses atrás
Esse vídeo tem uma naturalidade tão grande que deixa meu coração tão quentinho☺️ Obrigada por nos proporcionar músicas carregadas de sentimentos e nostalgias

Gabriel Oliver 3 meses atrás
Esses dias eu tenho me incentivado a ser mais humano, só me mostrou o quão robotizado eu estava, ficou excelente Marcos!

O clip serviu como veículo para potencializar sensações que ainda não haviam sido obtidas pelo contato com a obra em sua inteireza, como disseram Samuel Fidelis e Jadson Ferreira. Élcio Alves, atribui ao videoclipe o “poder de trazer sentimentos inexplicáveis”. Afetos, como choro, alegria, amor, saudade, nostalgia e paz, também são marcas das diversas experiências.

Um dos pontos chave da experiência dos sujeitos é a menção sobre particularidades relacionadas à memória e a um tempo nostálgico da vida, onde “sentar e conversar na calçada de casa, falar da vida, de compartilhar sentimentos” era algo típico entre as pessoas, segundo Adriele Marques. Havia uma valorização da presença, contato, “sem o celular para atrapalhar a comunicação”, conforme expressa Júlia Santos e também contidas na experiência de Mariana da Silva Rosa e Michelle Rodrigues. Entretanto, algumas experiências não tão saudosistas assim e chamam a atenção para o fato de nos importarmos mais com o hoje e resgatar os momentos que fizeram sentido no passado mas com as mesmas alegrias do presente, um convite à vivência e a inventividade do contemporâneo, como disse Jani Tomaz.

Mariana da Silva Rosa 3 meses atrás

Só faz lembrar da época que sentávamos na porta de casa, quando conversávamos mais cara a cara e não por rede social...

adriele marques 3 meses atrás

Em um mundo onde as pessoas perderam a sensibilidade do contato umas com as outras, perderam a vontade do Tetê a Tetê de fim de tarde, de sentar e conversar na calçada de casa, de falar da vida, de compartilhar sentimentos. Essa música, inserida neste contexto, traz belas memórias, uma saudade sem fim daquele tempo.

Júlia Santos 3 meses atrás (editado)

Essa traz lembranças como as coisas eram antes, bem nostálgica. Amigos na beira da calçada, jogando bons papos fora, sem celular pra atrapalhar a comunicação. Muita paz e sentimentos. Que possamos resgatar momentos como este. Tão doce, tão leve. 🌹

Jani Tomaz 3 meses atrás

Por que sentimos saudades de velhos tempos assim, se o hoje é o que vale? Vamos nos importar hoje, agora. Se momentos assim se perderem precisam serem resgatados. Não tem como não amar esse clip 🍷

É importante salientar as experiências que expressam marcas deixadas no sujeito, causadas por acontecimentos que correspondem a um sentido de unidade e de perda, como, por exemplo “aquela comida, aquela tempestade, aquela ruptura de amizade. A existência dessa unidade está constituída por uma qualidade única que penetra toda a experiência” (DEWEY, 2010, p. 90), que não é puramente emocional, prática ou intelectual, pois os sentidos da experiência podem ser refletidos pelo sujeito no interior dela. Isso está presente no relato de Rayssa Dias e Isra Monteiro e corrobora a ideia de que “não há uma cisão irreparável entre a vida de todos os dias e aqueles acontecimentos que, em sua dimensão estética, permaneceriam desvinculados e colocados hierarquicamente acima das atitudes que tomamos em resposta a outras situações experimentadas habitualmente” (GUIMARÃES, 2006, p.16).

Rayssa Dias 2 meses atrás

eu tinha uma pessoa que se fazia muito presente na minha vida, éramos inseparáveis, passamos anos juntas, tantos momentos maravilhosos, saudades eu tenho dos momentos maravilhosos....sentar, rir, e conversar com ela...❤️

Isra Monteiro 3 meses atrás

Essa música me lembra o meu avô... um cara que onde quer que estivesse levava alegria e bons sorrisos as pessoas. Bate uma saudade por saber que provavelmente não vou encontrar outra pessoa que enxergava a vida com a leveza e alegria dele, mas que Deus o tenha, e que conserve essa minha saudade pra quem sabe um dia eu poder sorrir e abraçar ele de novo!

Os sujeitos constroem seus sentidos por meio de uma articulação entre presente, passado e futuro, seja na forma de desejos, sonhos e aspirações. Ao evocar memórias, silêncios e temores, a construção de narrativas entre real e imaginário trazem à tona aspectos importantes dos quais a música exerce papel um preponderante. Ela torna-se um meio que privilegia o entendimento de si e do outro de maneira que a produção de sentido não se esgota no texto musical (letra, estrutura musical, arranjos e performance), mas se imbrica nas

apropriações variadas dos sujeitos que elaboram e reelaboram seus modos de significação e, conseqüentemente, suas próprias vidas (PEREIRA, 2013, p. 98).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a experiência estética a partir da reação dos sujeitos privilegia não apenas o aspecto material, mas a condição humana da produção de sentidos. O objeto não possui um sentido em si, mas adquire significação a partir do momento em que nos afeta. O trânsito entre as esferas da estética e da poética nos permite compreender que as mediações e as materialidades podem incorrer em experiências estéticas das mais variadas. O trajeto de vida dos sujeitos, suas particularidades e idiossincrasias são o “chão” da experiência, o “lugar” de importância e relevância para o processo de fruição compartilhado pela interação. Ao fazer menção a aspectos cognitivos, da memória e da constituição do mundo subjetivo dos sujeitos, as produções de sentido podem revelar não apenas o caráter mais imediato da experiência como também servir de veículo para renovar as condições do presente, refletir sobre aspectos do passado e ensejar atos futuros.

Contudo, cabe salientar o que Hans Gumbrecht compreende como materialidade na comunicação. A “produção de presença” na visão do autor implica necessariamente a existência da materialidade no processo comunicacional, fato que não se evidencia no objeto de estudo em questão. Antes, trata-se de uma obra de arte ancorada pelo dispositivo comunicacional Youtube que não necessariamente corresponde ao conteúdo artístico em si, mas sim uma representação mediada da obra por meio da plataforma. Isso não significa dizer que não haja experiência estética sem a produção de presença, os sujeitos obtiveram suas experiências não pelo contato físico com o objeto material, a “sanfona” ou a “janela com o vidro colorido”, mas a destarte, pelo modo como estes elementos produziram sentido em suas subjetividades ao reforçar aspectos de materialidade na experiência sem necessariamente estarem presentes.

REFERÊNCIAS

BARROS, Laan Mendes de. Mídia e mediações: expressões e impressões culturais. In: BARROS, Laan Mendes de. (Org.). **Discursos midiáticos: representações e apropriações culturais**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo - UMEP, 2011. p. 15-32.

BARROS, Laan Mendes de. O consumo da canção como experiência estética. **Contemporânea | Comunicação e Cultura**. v. 10. n. 1, p. 68-79, janeiro/abril, 2012.

BARROS, Laan Mendes de. Do texto à ação: a estética da recepção nos estudos comunicacionais latino americanos. In: MELO, José Marques de; VENTURA, Mauro Sousa de; GOBBI, Maria Cristina. (Orgs.). **Pensamento comunicacional latino-Americano através da Literatura: Jorge Fernández ícone midiático**. São Paulo: Intercom, 2013, p. 71-93.

CARDOSO FILHO, Jorge. Para “apreender” a experiência estética: situação, mediação e materialidades. **Revista Galáxia**. n. 22, p. 40-52, dezembro, 2011.

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FELINTO, Erick. Materialidades da Comunicação: por um novo lugar da matéria na Teoria da Comunicação. **Ciberlegenda**, n. 5, p. 1-17, janeiro, 2001.

GUIMARÃES, César Geraldo; LEAL, Bruno Souza. Experiência mediada e experiência estética. **Intexto** v.2 n.19, p. 1-14, julho/dezembro, 2008.

GUIMARÃES, Cesar. O que ainda podemos esperar da experiência estética? In: GUIMARÃES, Cesar; LEAL, Bruno Souza; MENDONÇA, Carlos Camargo. (Orgs.). **Comunicação e Experiência Estética**. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2006. p. 13-26.

GUIMARÃES, Cesar; LEAL, Bruno Souza; MENDONÇA, Carlos Camargo. (Orgs.). **Entre o sensível e o comunicacional**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

GUMBRECHT, Hans. Ulrich. O Campo não-hermenêutico ou a Materialidade da Comunicação

In: ROCHA, João Cesar de Castro (Org.). **Corpo e Forma**. Rio de Janeiro. EdUERJ, 1998.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença**: o que o sentido não conseguem transmitir. Rio de Janeiro: Ed: PUC-Rio/Contraponto, 2010.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed PUC-Rio/Apicuri, 2016.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Comunicação e mediações culturais. Diálogos midiológicos 6. Entrevista concedida à Claudía Barcelos em 13 de maio de 2000. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação – RBCC**. São Paulo, v. 23, n. 1, p. 151-163, jan./jun. 2000.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: Comunicação, Cultura e Hegemonia. 2º ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo**: travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004.

MEDINA, Cremilda. Tecer o presente: fina sintonia entre povo e personagem. In: MELO, José Marques de; VENTURA, Mauro Sousa de; GOBBI, Maria Cristina. (Orgs.). **Pensamento comunicacional latino-Americano através da Literatura: Jorge Fernández ícone midiático**. São Paulo: Intercom, 2013, p. 159-180.

PEREIRA, Simone Luci. Recepção da música midiática – alguns aportes teórico-metodológicos para a reflexão sobre a escuta. **Resonancias**. n.33, p. 89-102, dezembro, 2013.